

OS «MALES» DA NOSSA AGRICULTURA

O «DAILY Telegraph», conhecido jornal britânico, publicou a notícia de que 30 lavradores ingleses estavam a tirar bons resultados da agricultura na nossa provincia do Alentejo. Os jornais lusitanos deram a notícia em letra e coluna reduzida, uns; de maneira mais espaçosa e alargando-se em comentários, outros. E logo as pessoas começaram a falar e a atrair,

como também alguns jornais o fizeram, as culpas do nosso atraso agrícola para cima dos agricultores e dos donos da terra — que às vezes acontece não serem os mesmos. Condenou-se o absentismo como sendo o mal maior, se não o único, da decadência da nossa «arte de empobrecer alegremente»; mas não se analisaram profundamente as causas que levaram o la-

vrador inglês a medrar onde o português falhou. E aí é que estaria o interesse mais válido de toda a questão levantada.

Falemos do assunto: Primeiro, devemos tomar em consideração que não é só na agricultura que Portugal está atrasado em relação à Inglaterra e aos países mais avançados. Estamos-lo também na indústria, na arte de pescar, no ensino, etc., etc. Porque, como todos sabem, os nossos técnicos ainda não foram capazes, já não digo de pôr um homem na Lua ou fazer um avião, mas, ao menos, de fabricar um automóvel barato, daqueles onde o funcionário público passeia a família aos domingos.

por Inácio G. Narciso

E as nossas pescas? Não será muito de lamentar a maneira anacrónica como os nossos pescadores lidam no mar ao lado dos seus colegas ingleses, russos ou japoneses? A verdade é que estamos atrasados em quase tudo e, assim, parece-nos indecente espicharem o dedo acusador só na direcção dos lavradores.

Apetece-nos ainda perguntar: Será por causa da agricultura que Portugal não está em condições de avançar integralmente para o Mercado Comum? Ou será devido a outras actividades em cujos protec-

(Conclui na 3.ª página)

PROGRESSO QUE SE RETARDA NO ALGARVE (QUE NÃO É SÓ TURISMO)

A ECONOMIA do Algarve está ameaçada. Corre sérios riscos. Para sermos mais exactos: a economia e o próprio desenvolvimento, porque a Provincia não poderá equacionar a sua valorização sócio-económica no âmbito exclusivamente turístico.

O grito de alarme souo já em S. Bento. No Plenário ouviu-se uma voz, na defesa da industrialização algarvia, do aproveitamento de toda uma energética que apenas espera que a despertem. Não será necessário entregarmo-nos a profundas lucubrações para descobrir na oração do parlamentar Leal de Oliveira, proferida na Câmara na passada semana, um íntimo temor de que o Algarve veja desaproveitadas as amplas condições de que dispõe, para, complementarmente, e em relação ao turismo, proporcionar aos seus naturais o nível social

por Encarnação Viegas

e económico que certos convívios quotidianos lhe impõem.

Vincou aquele deputado a situação de isolamento da zona sotaventada, no troço final do Guadiana, peso morto de duas provincias — Alentejo e Algarve — terra esquecida do interior, onde chegou a anunciar-se a instalação de uma central atómica, promessa quase esquecida e que, no entanto, apenas, iria inserir-se numa política de orientação, defendida oficialmente, de desencorajamento ao afluxo à zona de Lisboa. E no entanto, a região oferece as mais

(Conclui na 4.ª página)

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

CACELA VELHA QUER MODERNIZAR-SE

VILA Nova de Cacela é a única freguesia do concelho de Vila Real de Santo António e os milhares de pessoas que a habitam reparam-se por várias pequenas povoações, em que se destacam, como principais, a Venda Nova e Cacela Velha, esta ainda com vestígios da primitiva Cacela, tragada pelo mar, que há séculos era terra importante entre as suas congéneres algarvias.

Nas mais antigas construções de Cacela Velha, sobressai a Fortaleza, que viria a ser aproveitada para as actuais instalações do Posto da Guarda Fiscal. Erguida num local sobranceiro à costa, dela se desfruta magnífico panorama, podendo apreciar-se por um lado, toda a orla marítima, de Monte Gordo e Vila Real de Santo António, bem como as modernas construções de Isla Canela já em Espanha, e, por outro, largo trecho da praia até às proximidades de Tavira.

Tivemos há meses ocasião de referir-nos ao abandono a que as imediações da Fortaleza estavam votadas, com amontoados de lixo em vários pontos e abundância de animais de criação, à solta, contribuindo para aumentar a sujidade. Em visita que depois ali fizemos, alegrou-nos verificar a extraordinária mudança registada naquela área: nada vimos já de montureiras onde os galináceos esgaravatassem na procura de restos de comida, chamando-nos a atenção a mancha alvinitente das casas que rodeiam a Fortaleza e a igreja matriz, todas impecavelmente caiadas. Mais nos alegrou, porém, a valorização oferecida a toda aquela zona com a construção de uma ampla balaustrada de alvenaria, com degraus de acesso ao terreiro da Fortaleza, que assim fica disposto de boas condições para nele se impro-

(Conclui na 5.ª página)

SOBRE A PROTECÇÃO DA TERRA

por José Lourenço da Silva

A O lermos o artigo intitulado «A protecção da terra» publicado no «Diário Popular» de 3 do corrente mês, da autoria do jornalista Antunes da Silva, não pudemos deixar de traçar estas linhas para manifestar o nosso apoio às justas considerações expostas sobre os graves problemas que urge resolver na nossa economia agrícola.

De facto, há no nosso País, principalmente no Alentejo, grandes extensões de terreno abandonado, ou mal aproveitado, notando-se também o estacionamento de produtos industrializados, por falta da necessária saída ou distribuição nos mercados estrangeiros.

Não é, pois, justo que se impeça

(Conclui na 4.ª página)

NOTA da redacção

RECENTEMENTE na Assembleia Nacional, um deputado chamou a atenção para a falta de indústrias no Algarve e no Baixo Alentejo, sem o que não se poderiam prender as populações ao solo dessas Provincias, evitando-se o afluxo migratório para a capital.

Esse mesmo deputado admitia várias hipóteses para solucionar o problema, sobretudo a instalação no extremo sul do país, junto ao Guadiana, duma refinaria petrolífera e de indústrias petroquímicas.

Admitimos que novas indústrias poderão resolver, em grande parte, o problema algarvio e estamos certos de que a instalação da Refinaria do Sul na zona de Vila Real de Santo António auxiliaria extraordinariamente, também, as populações do Baixo Alentejo.

Prevedemos, no entanto, que qualquer solução desta grandeza só possa ser encarada dentro de alguns anos. Além disso, continuamos no campo dos projectos e das hipóteses.

Quem nos dirá a nós que a tal refinaria não acabará por ser instalada na zona de Sagres, ou até no próprio Alentejo? E que o Algarve ficará com alguns dos seus problemas actuais por resolver?

Neste momento, há que encontrar soluções urgentes para uma população que há bastantes anos

HÁ QUE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO URGENTE

luta com uma crise que se vem arrastando e piorando. Problema económico-social de gravíssima importância, todos conhecem, afinal, a solução. Apenas nada se põe em prática de concreto para acudir a esta população, cujos elementos válidos vão mingando de dia para dia, em busca de outras paragens menos ingratas.

Foge-se a encarar a questão de frente, embora o caminho seja só um, talvez idêntico ao do Baixo Alentejo, que continua, também, à espera do seu dia. É necessário evitar que as populações desertem, mas haverá que conseguir-lhes meios de subsistência nas suas regiões. Doutra modo, o Algarve ficará exclusiva e definitivamente para os turistas.

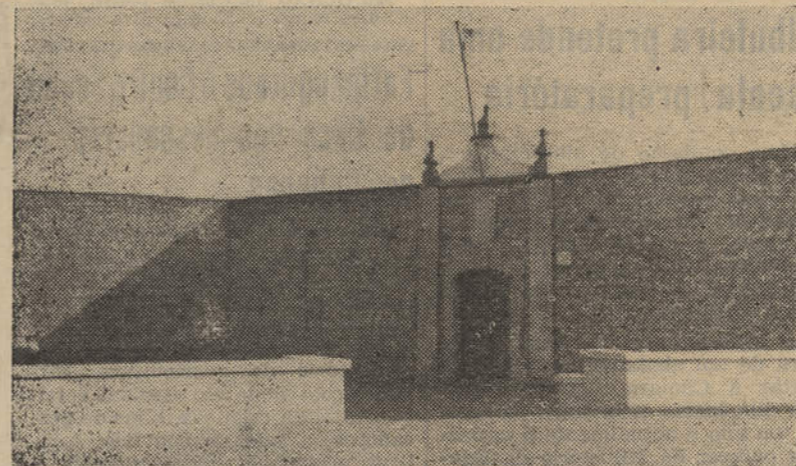
Janela do MUNDO

CORAÇÃO O FLAGELO DO SÉCULO

ESTAMOS na Semana Europeia do Coração, que decorre de 21 a 28 do corrente, uma ideia das Sociedades Internacional e Europeia de Cardiologia e da Fundação Internacional de Cardiologia. O seu objectivo não tem nada de sentimental, mas baseia-se numa realidade pungente: o «flagelo do século».

Chegou-se à conclusão de que, na nossa época, uma morte em cada três homens com mais de 55 anos, é causada por ataque cardíaco. Não falando já nos jovens que sucumbem do mesmo mal, este é o problema maior que a Medicina dos nossos dias está a encarar.

Esta a razão por que a Organização (Conclui na 3.ª página)



O novo terreiro junto à Fortaleza de Cacela

SOBRE A REFORMA DO ENSINO (2)

LICEUS UNIDIMENSIONAIS OU O (IM)POSSÍVEL FIM DE UMA MINORIA SELECIONADA PARA O ENSINO CLÁSSICO

por Carlos Albino

A PENAS dois estabelecimentos do ensino oficial poderão preencher no Algarve as condições do anunciado Liceu clássico. E segundo as estatísticas de 1969 eram 2 247 os alunos e apenas 97, os professores a trabalhar nesses mesmos estabelecimentos. Apenas dois

estabelecimentos, nas realidades. Centros urbanos importantes (Loulé, Vila Real de Santo António, Albufeira, Tavira, Lagos...) forneceram ao longo das décadas o falso campo educativo da macrocefalia escolar constituída, com evidente prejuízo para as condições de acesso ao ensino do «antigo» liceu. Para o «novo» liceu o figurino não deverá mudar: nem, pelas realidades, o ensino particular desempenhará função subsidiária do ensino oficial, nem as condições económicas das unidades escolares de propriedade privada permitirão tentar a democratização do ensino clássico.

Será então caminho de solução, a criação progressiva de secções dos dois liceus clássicos nas terras que por este ou aquele critério, sejam consideradas «importantes»? Será então caminho deixar-se ao sabor da concorrência político-localista a solução de um problema educacional que é de todo o Algarve? Será então possível abrir-se às populações de Vila Real de Santo Antó-

nio e Lagos o ensino clássico apenas pelo facto das Escolas Técnicas existentes passarem a ser Liceus Técnicos?

A criação de vários liceus unidimensionais, para já nas terras onde existam escolas técnicas ou onde (Conclui na 3.ª página)



Luzida embaixada do prestigioso Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve deslocou-se a S. Bartolomeu de Messines, onde o Teatro de Fantoques, nova e útil expressão de actividade do Grupo actuou para as crianças no C. A. T. de Estabelecimentos Teófilo Fontainhas Neto.

Junto à casa onde nasceu João de Deus e ao monumento ao grande poeta algarvio, o Coral de Santa Maria que vemos nas gravuras acompanhado pelo dr. Emilio Campos Coroa, «alma-mãe» do Grupo de Teatro do Circulo, diz versos do insigne lirico messinense.

A saúde é a maior riqueza

Falta de água e males do estômago

O organismo precisa de água para, além de outros fins, formar os vários sucos encarregados da digestão dos alimentos. Muitos distúrbios alimentares, conhecidos sob a denominação geral de «males do estômago», podem resultar do costume de beber água em quantidade insuficiente.

Evite o «peso no estômago», e a má digestão, acostumando-se a beber água, de preferência longe das refeições.

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

ECOS

Fim de curso

Concluiu com alta classificação o curso de especialização em Neurologia o nosso comprouviciano sr. dr. Francisco Romão do Nascimento.

Partidas e Chegadas

Regressou de Timor, onde esteve em missão de soberania, o sr. furriel miliciano José Henrique Simões Mateus, filho da nossa comprouviciano sr.ª D. Lucinda Rosa Simões Mateus e do sr. Diogo Mateus, nosso assinante em Lisboa.

Farmácias Necrologia

DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até sexta-feira, a Farmácia Piedade.

Em FARO, hoje, a Farmácia Oliveira Bomba; amanhã, Alexandre; segunda-feira, Crespo Santos; terça, Paula; quarta, Almeida; quinta, Montepio e sexta-feira, Higienos.

Em LAGOS, a Farmácia Neves.

Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Avenida; amanhã, Madeira; segunda-feira, Confiança; terça, Pinheiro; quarta, Pinto; quinta, Avenida e sexta-feira, Madeira.

Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Ferro; amanhã, Rocha; segunda-feira, Pacheco; terça, Progresso; quarta, Olhanense; quinta, Ferro e sexta-feira, Rocha.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Carvalho; amanhã, Rosa Nunes; segunda-feira, Dias; terça, Central; quarta, Oliveira Furtado; quinta, Moderna e sexta-feira, Carvalho.

Em S. BRAS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Dias Neves; amanhã, Pereira; segunda-feira, Montepio; terça, Dias Neves; quarta, Pereira; quinta, Montepio e sexta-feira, Dias Neves.

Em SILVES, hoje, a Farmácia Ventura; e até sexta-feira, a Farmácia Duarte.

Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Abolim; segunda-feira, Central; terça, Franco; quarta, Sousa; quinta, Montepio e sexta-feira, Abolim.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Carrilho.

Cinemas

Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «Luz, zero dois» e «Harper, detective privado»; amanhã, «Anna Karenina».

Em LOULÉ, no Cine-Teatro Louletta, hoje, «O 7.º de cavalarias» e «Os 3 centuriões»; amanhã, em matinée, «Astérix, o gaules» e em soirée, «Doze mais uma».

Em OLHÃO, no Cinema-Teatro, hoje, «Contra todos» e «Licença para matar».

Foi inaugurado o Centro Social da Casa dos Pescadores de Cabanas

Na povoação de Cabanas (Tavira), foi inaugurado no sábado passado, o Centro Social da Casa dos Pescadores, com instalações que dispõem de consultório médico, sala de tratamentos e enfermaria, consultório de puericultura, jardim-escola onde são servidas refeições a trinta crianças filhas de pescadores, e sala de convívio, também projectada para teleescola e biblioteca.

Ao acto assistiram os srs. comandante Fernando Ventura Duarte, capitão do porto; comandante Tomás da Cunha Cancela, secretário-geral da Junta Central das Casas dos Pescadores; representante do Município de Tavira, vereador Laurentino Baptista; presidentes das delegações dos Grémios dos Armadores de Pesca da Sardinha, de Olhão e de Vila Real de Santo António, José Filipe Ribeiro e António Domingues Guerreiro; comandantes da Guarda Fiscal e da G. N. R. de Tavira e outras individualidades.

O capitão do porto regozijou-se com a realização da obra e no mesmo sentido falaram o representante da Câmara Municipal de Tavira e o comandante Tomás Cancela.

Seguiu-se um beberete em que estiveram presentes muitas crianças.

amanhã, em matinée e soirée, «Colts para os 7 magníficos» e «Sal e pimenta».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Ataque à muralha do Atlântico» e «A raposa dourada»; amanhã, «Rainha por mil dias».

Em SILVES, no Cine-Teatro Silvense, hoje, «Profissionais para um massacre»; amanhã, em matinée e soirée, «A ansia de amar».

FALECERAM :

Em LISBOA — o sr. António Emídio Carlos Viegas, de 78 anos, escrivão de Direito, aposentado, natural de Faro, casado com a sr.ª D. Raquel da Conceição Quintino Frola Viegas.

o sr. António Luís Trigo, de 79 anos, natural de Olhão, funcionário público, aposentado, padrinho da sr.ª D. Maria de Lourdes Gouveia e do sr. José da Silva Neves.

o sr. D. Margarida Fabião de Campos, de 86 anos, natural de Loulé, mãe dos srs. José Joaquim e Manuel Baptista Fabião de Campos e da sr.ª D. Clementina Baptista de Campos Graça.

o sr. Manuel da Silva, de 66 anos,

Traineira

Vende-se uma traineira da pesca da sardinha com todos os apetrechos exigidos pelas novas técnicas deste tipo de pesca, com motor de 295 H. P., 12 cil., 1800 r. p. m., rede com as medidas exigidas pelas autoridades marítimas a qual poderá ser incluída ou não na venda da traineira. O preço total com todos os apetrechos, rede incluída, é de 900 contos (novecentos contos), excluindo a rede o preço total será de 650 contos (seiscentos e cinquenta contos).

As propostas devem ser dirigidas a: Luís Maria Godinho — R. do Mato — FIGUEIRA DA FOZ — Telef. 22236.

AGRADECIMENTO



MARIA DA SAÚDE SILVA

A família de Maria da Saúde Silva na impossibilidade de poder directamente agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada, bem como àqueles que de qualquer modo manifestaram o seu pesar, vem por este meio apresentar reconhecidamente os seus agradecimentos.

Prossegue com êxito o Curso Itinerante para Profissionais de Hotelaria, em Monte Gordo

Os representantes dos órgãos informativos assistiram na tarde da penúltima quarta-feira, no Hotel das Caravelas, em Monte Gordo, a uma das sessões de trabalho do Curso Itinerante para Profissionais de Hotelaria que ali está a decorrer. Houve assim oportunidade de se fazer uma ideia dos progressos alcançados pelos cerca de 80 instruídos nas especializações que escolheram, desde os serviços de mesa, cozinha e bar aos de andares, roupa, lavanderia e noções de decoração floral, através das exemplificações práticas, ou de mero cunho teórico que foi possível observar, executadas sob a proficiente orientação dos monitores do Curso, srs. António Mira, Manuel Lopes, Manuel Silva e António Traquete e D. Genevieve Carvalho. Assistiram aos trabalhos os srs. Bentes Abolim e Horácio Cavaco, respectivamente director e subdirector da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve.

Quase toda a vasta e complexa engenharia necessária para fazer funcionar convenientemente os diversos sectores de um estabelecimento hoteleiro ali foi patenteada «no vivo», desde o preparo de um «cocktail» aos cuidados indispensáveis no arranjo dos quartos e mesas, incluindo a confecção e serviço do jantar para os convidados e outras entidades, em que os alunos demonstraram o bom aproveitamento já colhido.

Usaram da palavra diversos oradores, entre os quais os srs. António Mira, rev. Carlos Patrício, Joaquim Baptista Correia, Matos Cartuxo e Cidade do Carmo, director do Curso, sendo depois projectados filmes ligados à culinária.

AGENDA

De 10 a 15 de Fevereiro

QUARTEIRA

Artes diversas 127 106\$00

BOMBAS DE PEIXE MARCO

De 10 a 15 de Fevereiro

PORTIMÃO

TRAINEIRAS :

Donzela	36 800\$00
Nova Palmeta	35 400\$00
Arrifana	30 600\$00
Neptúnia	27 350\$00
Anjo da Guarda	23 000\$00
Lena	19 850\$00
Briosa	16 550\$00
Brisamar	9 500\$00
Sr.ª da Encarnação	7 550\$00
Marinhaira	7 250\$00
Biscaia	6 630\$00
Oca	6 400\$00
Total	227 180\$00

MOTORES INTERNACIONAL

De 11 a 17 de Fevereiro

LAGOS

TRAINEIRAS :

Baía de Lagos	12 750\$00
Donzela	9 000\$00
Brisamar	6 090\$00
Sr.ª da Encarnação	4 290\$00
Arrifana	2 300\$00
Total	34 430\$00

BELLATRIX ESPECIAL

Alimentação Transistorizada

Vende-se propriedade

60 alqueires, sequeiro e regadio, sítio do Pinheiro — Luz de Tavira — casas de moradia e boas dependências. Trata Dr. Eduardo Mansinho — Tavira.

MOTORES INDUSTRIAIS, MARÍTIMOS E GRUPOS DE REGA FARYMANN

EQUIPAMENTOS DE LABORATÓRIO, LDA. ACEITAM-SE AGENTES NOS CONCELHOS LIVRES

BANCO DO BRASIL BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO

ACÇÕES E DIREITOS DE SUBSCRIÇÃO

COMPRO PARA MIM

TRATAR PESSOALMENTE OU CARTA PARA

J. Ferreira dos Santos

Rua dos Combatentes, 122-6.º

COIMBRA — Portugal

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António ANÚNCIO

VENDA DE TERRENOS EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO PARA CONSTRUÇÃO URBANA DESTINADOS A INDÚSTRIA OU ARMAZENAMENTO

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, vende em hasta pública no dia 15 de Março de 1971, pelas 15 horas, cinco lotes de terreno, para construção urbana, destinados a indústria ou armazenamento.

LOTES N.ºs 1 E 2/71

Área — 287,5 m2. — Base de licitação . . . 70 contos

LOTES N.ºs 3, 4 E 5/71

Área — 250 m2. — Base de licitação . . . 50 contos

As condições de alienação encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal, podendo ser consultadas durante as horas de expediente.

Paços do Concelho, 16 de Fevereiro de 1971.

O Presidente da Câmara,

Dr. António Manuel Capa Horta Correia

Terrenos para Construções Prédios de Rendimento e Andares

Em nova urbanização, servidos por transportes colectivos, com grande futuro.

VENDEM BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA

Estrada da Penha FARO

Então? Gostou?

A Caravela convida-o a voltar.

O Carnaval em Vila Real de Santo António é mesmo bom!

CRÓNICA DE FARO

por JOÃO LEAL



Não matem a flor da amendoeira

Foi no fim-de-semana. Aguardávamos na desconfortável gare da estação ferroviária do Barreiro que chegasse o chamado rápido, também oficialmente designado por «semidirecto» do Algarve. E quando o formigueiro humano começou a deixar, aliviado, a composição, após uma «rápida» viagem de 300 quilómetros percorridos no tempo excepcional (a «Apolo XIV» regressou há dias da Lua e estamos em 1971) de mais de cinco horas. Mas, enfim, isso são outros contos e por sinal bem largos.

Pasmámos! Sim acreditam que pasmámos, pensando ter sido recrutado algum exército de mercenários para terminar com um dos mais belos espectáculos com que a Natureza no Algarve, brinda o homem. Sabe-se lá!? Há tantos invejosos e infelizmente tanta gente a desejar que a roda da desgraça parasse de vez só sobre este rectângulo, que, quer queiram, quer não, tem de progredir.

Mas voltemos à gélida gare daquela noite de domingo último. Inquirimos, Como? Para quê? Por quê? De quem? A mão, sim é mais fácil. As outras que se perdem, que importa (pois não, não lhe importa a si sua face-mostruário de todas as cores dum arco-íris fugindo ao septenário convencional). Mas importa e dói na alma e na bolsa ao desgraçado, seja trabalhador ou dono, que vai buscar o pão nosso de cada dia nas amêndoas, elas são tantas e tão lindas, não são? (Sim, não são lindas, mas belas, loucamente belas, mas na árvore, ali onde nasceram e onde queriam ser vida, vivendo a vida, que não nas garras aduncas das aves rapineiras deste estranho comboio).

Apanhei-as para enfeitar a casa (amêndoas, que são pão e base da economia do Algarve, objecto de enfeite!), para mostrar que fui lá baixo (sempre desperta a sua vaidadezinha isto de vir «cá baixo»), para oferecer a D. Laura (que se calhar, o mais certo, nas costas dirá: «Parvalhona, figos e dos cheios é que me devias ter trazido»).

— Eu sei lá de quem eram as amendoieiras? Mas será que isto está mesmo a saque? Então no Algarve é chegar e apanhar?

Atravessámos o Tejo mastigando um misto de raiva e dor. Tivemos que vir olhar para o escuro mar da noite, pois à esquerda e à direita eram tentáculos agarrando ramos e ramos de flores da amendoeira.

Para os nossos pobres

O sr. José Mendes da Palma, nosso assinante em Nampula enviou-nos 100\$ para os nossos pobres. Agradecemos, em nome dos contemplados.

A. Leite de Noronha
MÉDICO
Consultas diárias a partir das 16 horas
Rua da Trindade, 12-1.º, Esq. FARO
TELEF. { Consultório 24505
Residência 24642

Albufeira pretende uma escola preparatória

Uma comissão de albufeirenses, com predomínio de pais com filhos em idade escolar foi recebida pelo presidente da Câmara Municipal e vereação, a quem expôs os seus problemas, fazendo sentir a necessidade da criação de uma escola preparatória na vila.

A comissão foi também portadora de um abaixo-assinado, a solicitar à Câmara a continuidade das diligências efectuadas há mais de um ano e actualmente a aguardar parecer do Ministério da Educação, de modo a fazer sentir a demora em resolver tão importante problema, de que resultam prejuízos não só para muitas crianças em idade escolar, impedidas de chegar mais longe nos seus estudos, como para familiares, principalmente os mais débeis financeiramente, por não poderem suportar os encargos de uma adequada instrução longe da vila.

Emilio Campos Coroa
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS
Ortópica (ginástica ocular) - Lentos do Contacto
Consultas: Rua de Sto. António, 49-1.º Dto. — FARO

O Agente para o Algarve



Apresenta a sua Representada: **Marblarte S. A. R. L.**

Casal do Salgado — ALENQUER
Uma Grande, Moderna e Activa Indústria Nacional
Artigos Decorativos e Utilitários em

MÁRMORE

Faro: António Luís dos Santos

Exposição Agência SOPAL—P. Alexandre Herculano, 37

TEATRO, DEPOIS...

por Tito Lívio

I — Do começar de novo

Os Prémios de Teatro da Casa da Imprensa

I — «Teatro depois» regressa (para o Algarve...). Para reaparecer com maior regularidade. E não se restringindo apenas ao teatro profissional. Com «Teatro depois» gostaríamos de abrir diálogo. E criar uma certa consciência crítica. Necessária.

II — Os Prémios da Imprensa de teatro são os mais lúcidos e importantes neste sector tão pobre da cultura nacional.

Este ano de 70 foi a Companhia de Teatro Estúdio de Lisboa que viu reconhecidos o seu esforço e labor em prol de um teatro autêntico, significativo e válido.

Companhia que tem sobrevivido dificilmente e que vai encontrando agora o seu público certo (uma camada heterogénea de estudantes, intelectuais, média burguesia e assalariados das empresas que compram, por vezes, um ou dois espetáculos). De notar que é também o T. E. L. que oferece alguns dos bilhetes mais acessíveis da capital.

Para o Teatro Estúdio de Lisboa foram assim os prémios da melhor encenação — Luzia Maria Martins («Victor ou as crianças no poder», «Quem é esta mulher?» e «Lar»); melhor actriz — Helena Félix — pelo seu trabalho em «Quem é esta mulher?» e «Lar»; prémio de revelação: Margarida Mauperrin pela sua interpretação em «Victor ou as crianças no poder»; melhor companhia — Teatro Estúdio de Lisboa (de todos o mais importante prémio pois se trata de distinguir um trabalho de equipa, de dádiva, de sacrifício colectivo).

Prémio melhor actor para José de Castro em «O rei está a morrer» de Ionesco (uma das mais conseguidas interpretações que temos visto nos palcos lisboetas, uma compreensão total — caracterização psicológica e corporal do personagem — colada à pele como um pesadelo); melhor cenografia para o jovem cenógrafo que concebeu a funcional estrutura metálica da moderna e válida encenação do «Breve sumário da história de Deus». Não foi dado o prémio para o melhor original português, em virtude da ausência total de um texto válido contemporâneo nos palcos profissionais. A... não ser

que se desse o prémio póstumamente a Gil Vicente... o único original português representado em 70!...

No campo do teatro musicado os prémios foram para «Pimenta na língua» (melhor texto) — uma revista, na tradição e função vicentinas de crítica ao meio e à sociedade circundantes; José Viana que além de distinguido como autor o foi também como actor (um estudo atento, um dar aos tipos representados uma humanização total); Maria do Céu Guerra — melhor actriz — uma estreia que causou espanto, uma actriz que canta, dança e representa, estrepante, ainda por cima, em revista; e Mário Alberto — melhor cenógrafo (num campo em que há uma absoluta ausência de nomes ou se fica apenas no artesanato, ausência de espírito inventivo e criador).

Através da análise destes Prémios de Imprensa de 1970, pudemos fazer uma perspectiva do actual panorama do teatro português (o que quer dizer 35% lisboeta)! E daqui tirar cada um as necessárias como pertinentes ilações.

SERVICE OFICIAL DIESEL

BOSCH — CAV — SIMMS
PESSOAL ESPECIALIZADO
MAQUINAS ELECTRONICAS
EXECUÇÃO RAPIDA

Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO
DA LUZ
ZONA DO DIQUE — Tel. 2405
PORTIMÃO



Seis meses de Carnaval
Seis meses de S. João

Foi no passado. Uma quadra que se tornou famosa e que apesar de algo desactualizada continua a ter a sua beleza poética. O Carnaval na Vila Cubista, gorados que foram os corsos carnavalescos dos últimos anos, quase se não dá por ele. Aláís, o facto é idêntico em todo o País, podendo afirmar-se ter morrido o Carnaval espontâneo que o povo fazia e em que se divertia. Hoje a coisa cinge-se a um reduzido número de bailes, pois as despesas são elevadas e as receitas escassas. Do sabor do Carnaval olhanense paira um hábito saudosista e pouco mais.

E o quarto verso da quadra? Os tais «Seis meses de S. João»? Bem, agora que temos até o feriado municipal, que tanto custou a obter, as festas dos Santos Populares não podem morrer. E é por isso que hoje aqui vimos, não na atitude saudosista e derrotista do morto rei morto, mas, fazendo notar que é tempo de começar. O trabalho é intenso e esgotante e, mais do que isso, não raro tendo por prémio a incompreensão de gregos e troianos. Mas se existe um organismo de apoio, a Comissão Regional de Turismo do Algarve, através do seu delegado concelhio, as festividades joaninas não podem morrer. Devem, sim, começar a ser desde já preparadas e ter aquele carácter de autênticas festas populares. Neste aspecto consideramos como das manifestações mais válidas as ruas engalanadas, todo um mundo de alegria por onde passa e perpassa a festa autêntica. Não podemos considerar «S. João em Olhão», com todos os nomes famosos que os cartazes encerram, sem esta faceta imprescindível.

... Seis meses de Carnaval,
... Seis meses de S. João!

Pois que comecem, e quanto antes,

PORTO POÇAS JUNIOR

Um produto da rede distribuidora **POOLAR**
DEPOSITOS-FARO telef. 23669 - TAVIRA telef. 264 - LAGOS telef. 287
PORTIMÃO telef. 1154 - ALMANSIL telef. 34 - MESSINES telef. 8 e 89



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
EST.ºS TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.º, S.A.R.L.

Telex 01633-Teleg. Teof. Teof. 45308 / 09 - 4 Linhas - Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES - Algarve - Portugal

Cacela Velha quer modernizar-se

(Conclusão da 1.ª página)

visarem festas de carácter popular na época calmosa.

Congratulamo-nos com o melhoramento, que plenamente se justificava naquele ponto privilegiado do litoral algarvio, onde os visitantes se sucedem, quer de Verão, quer de Inverno, a fim de apreciar a beleza da paisagem, votos fazendo por que outras iniciativas de interesse ali aconteçam, de modo a atrair sempre maior número de pessoas e para que a Natureza, naquela sua agradável manifestação, se não sinta muito desacompanhada das realizações dos homens. — C. da R.

a preparar esta festividade, de tanto interesse turístico para a vila de Olhão.

Maria Armanda

OS «MALES» DA NOSSA AGRICULTURA

(Conclusão da 1.ª página)

curar apontar-lhe as deficiências de que mais enferma, parece-nos que, além do atraso nos métodos, que ninguém nega, um dos maiores males está na proliferação do minifúndio em certas regiões de Portugal, que não permite a existência de unidades agrárias que se ajustem a uma maior rentabilidade económica e ao emprego de máquinas. Precisamos, pois, de continuar com o emparcelamento da pequena propriedade; necessitamos de incentivar e amparar a classe dos empresários agrícolas que, com os seus conhecimentos e o dinheiro suficiente, poderiam levar às explorações agrícolas as técnicas e os processos modernos.

Mas não é só este o caminho: Também por meio de cooperativas, que reunissem numa só unidade várias propriedades pequenas, se poderia alcançar o mesmo fim, utilizando, claro está, métodos modernos e com a ajuda da técnica estatal.

Não queremos afirmar que esteja só no que dizemos a salvação de tudo, pois decerto outros caminhos há para a solução do problema agrário mas, isso já seria alguma coisa, melhor que não fazer nada.

Quanto aos lavradores ingleses, não queremos de maneira nenhuma menosprezar os seus conhecimentos nem a sua capacidade de trabalho. Mas não estará o seu êxito numa questão de mercados? Não teriam eles vindo para Portugal com alguns produtos já vendidos na sua ilha ou possessões (Gibraltar por exemplo) e com preço certo? E que o lavrador português, quando semeia um quilo de batatas, ainda não sabe se produzindo dez, arranjará dinheiro para o pagar... Mas, se não é nada disto, então vale a pena os nossos técnicos, os nossos lavradores, os representantes dos nossos grêmios da lavoura e cooperativas agrícolas darem por lá uma saltada a ver como aquilo é, porque para imitar é o portuguêsinho um valente. Claro está que nós não acreditamos que esses senhores, tal como faziam antigamente na China, tenham letreiros nas extremas das suas herdades a proibir a entrada a cães e portugueses...

Resta-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

Restam-nos acrescentar que também não nos parece que a Pátria esteja desonrada por termos recebido 30 emigrantes ingleses que para aqui vieram trabalhar na terra, enquanto que nós temos nos estrangeiro, a labutar no campo e outros misteres, centenas de milhares de portugueses. E, de certo modo, uma compensação, ainda que pequena.

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

zação Mundial da Saúde promoveu esta semana uma série de reportagens em toda a Europa, chamando a atenção para os perigos da doença e para as medidas que devem ser tomadas para evitar que muitos casos sejam mortais.

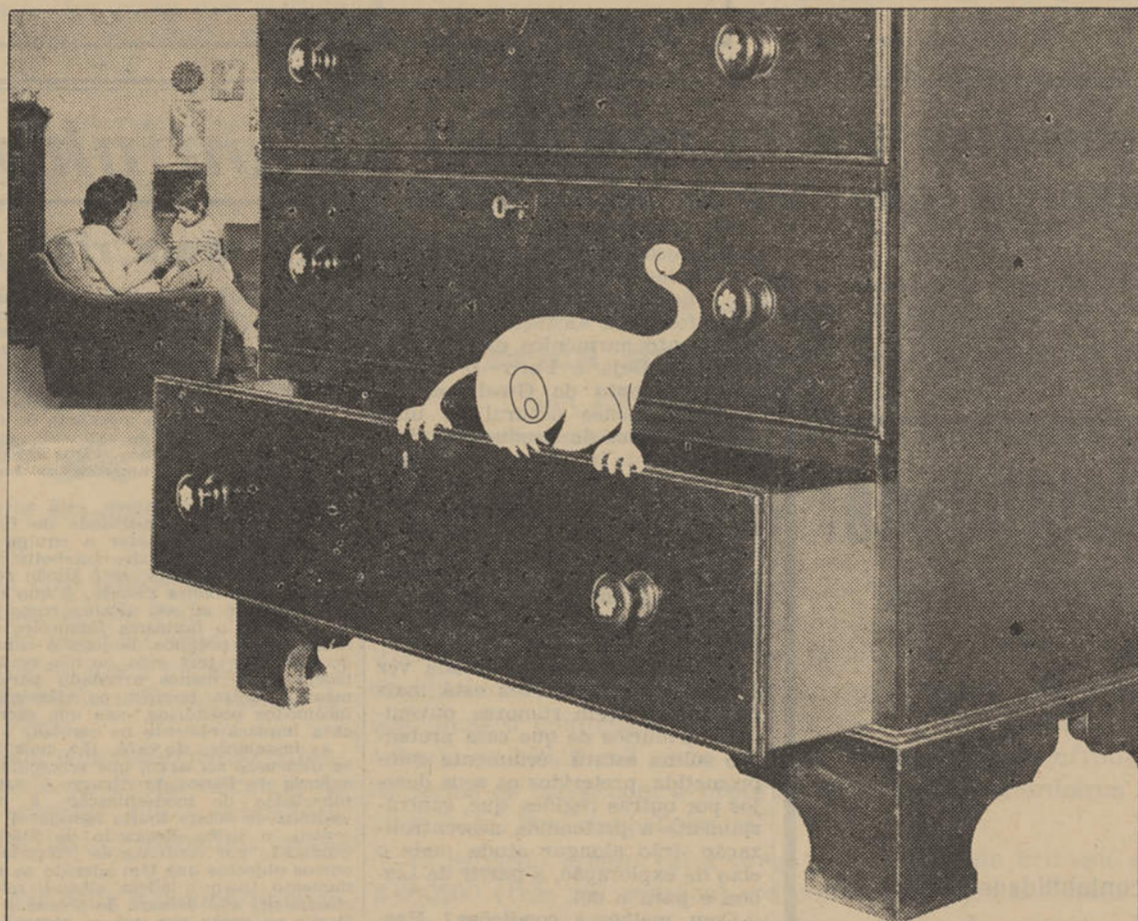
Um relatório da O. M. S. afirma que muitos cardíacos podem ser salvos e readaptados, pois os conhecimentos científicos actuais permitem a recuperação de 90 por cento dos «condenados». Diz-se nesse relatório que ao primeiro sinal do doente deve procurar o médico e prevenir-se a longo prazo contra um mal que pode ser fatal e que se não é combatido leva mesmo, inevitavelmente, à morte. Mas há que acreditar no progresso da Medicina e evitar que «a doença do século» se transforme no flagelo do homem.

Vítima dum ambiente trepidante e duma vida cansativa e agitada, cada um de nós gasta-se rapidamente e emocionalmente. O nosso coração é solicitado, com muito mais frequência e insistência, a testemunhar e a participar as durezas duma vida cheia de surpresas e desgostos. Há o problema da resistência, como nos quadros eléctricos em que as cargas demasiadas provocam explosões e curtos-circuitos.

Eis que os nossos órgãos são peças de certa resistência, e o nosso coração uma das mais sensíveis, não resistindo a sobrecargas de emoções demasiado fortes. Já que não podemos evitar imprevistos, certos imponderáveis da vida quotidiana, temos obrigação de preparar o coração para essas arremetidas inesperadas. Trata-se, afinal, de uma luta corpo a corpo do dia-a-dia, uma batalha que se trava para sobrevivermos num mundo adverso para o qual não fomos estruturalmente preparados.

O impacto é de tal modo forte que, por vezes, a morte é repentina. Mas ela vem, também, por desleixo e desconhecimento. Couragemos-nos contra a vida e aceitamos o seu rept, se tivermos coragem para enfrentar o que ela nos traz de bom ou de mau. Entreguem-nos, pois, com todo o interesse à «Semana do Coração». Mas vale a pena?

Mateus Boaventura



Agora que o caruncho atacou... quanto tempo vai durar a sua cōmoda?

Você não sabe, mas a cōmoda, que já pertenceu à Avó, está sendo destruída pelo caruncho. E é pena... é tão bonita!... Tão valiosa para si!

Quer um bom conselho?!

Acabe com o caruncho — use Xylamon!!

Xylamon é preparado com matérias-primas que desenvolvem poderosa acção insecticida — destrói radicalmente todas as espécies de carunchos!

Xylamon é um produto Desowag-Bayer.

Vende-se em dois tipos de embalagem.



Xylamon

extermina completamente os carunchos da madeira



BAYER PORTUGAL, S.A.R.L.

— Montadores de ferramentas em prensas

— Serralheiros c/ prática de cunhos e cortantes

Armação de Pêra

Vende-se um 3.º andar mobilado, com hall de entrada, cozinha, despensa, 2 casas de Banho, casa de jantar, casa de engomados e 2 quartos. Resposta a este jornal ao n.º 13867.

CORREIO de LAGOS

ACTIVIDADES DO GRÉMIO RECREATIVO LACOBRIGENSE

Porque nos é sempre grato registar algo que importe o despertar de associações que criadas para servir, sucumbem sem ter alcançado fins meritorios, registamos com agrado que por iniciativa de um grupo de amigos da Galeria de Arte, o Grémio Recreativo Lacobrigense, esteja empenhado na promoção, desenvolvimento e divulgação das artes plásticas, através de exposições, colóquios, conferências e ensinamentos a filhos de sócios.

Preveem-se sessões de cinema, teatro, música, arte fotográfica e outras que despertem o gosto pelas coisas de cultura e arte.

Tudo isto nos parece um sonho, mas como nas pessoas empenhadas em dar vida ao Grémio, se contam muitos jovens, é de admitir que algo realizem para chamar a atenção dos que, procurando os cafés, onde, regra geral, não aproveitam o tempo de harmonia com o que a prática aconselha, venham ao seu encontro para conseguirem obra que a todos engrandeça.

NAO SERÁ POSSÍVEL MELHORAR O ASPECTO DO MERCADO MUNICIPAL?

Há alguns meses formulámos reparos sobre o mau aspecto que oferece o mercado municipal, por ausência de cal. Alguém ligado ao serviço de obras, foi-nos dizendo que se aguardava o movimento, pela necessidade de rebocos implicar com a deslocação de muitas bancadas, em prejuízo dos vendedores.

Como se aproxima nova época de movimento, oxalá tais rebocos se apressem e a cal surja, porque a continuar o mau aspecto que o mercado oferece, reparos sem fim surgirão, classificando Lagos de cidade abandonada.

DESTA VEZ MARCOU A ASSEMBLEIA GERAL DA CAIXA AGRÍCOLA

Já diziam os nossos avós: «Nem sempre o diabo está atrás das portas». E desta vez, parece que o diabo se afastou das assembleias da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Lagos, que nos últimos anos têm dado azo a querelas impróprias de actos solenes como consideramos as assembleias gerais.

Os assuntos para que a assembleia foi convocada apreciados com a calma aconselhada para defesa dos interesses colectivos, uma eleição igualmente calma e todos os participantes saíram satisfeitos, pois o presidente, sr. brigadeiro José António da Almeida Costa Franco, demonstrando o seu apreço pela forma como os trabalhos decorreram, formulou votos, para que assembleias mais numerosas se repitassem com a ordem e respeito que naquela constatou. Foi o sr. brigadeiro Costa Franco eleito em tal cargo, com o que nos congratulamos. Lembraram-se os sócios falecidos, destacando-se Jacques de Oliveira Neves que foi durante muitos anos presidente da assembleia geral, tendo-se guardado um minuto de silêncio em sua memória. Numa palavra, foi uma sessão que marcou, pois todos os que têm contribuído para o bom andamento dos serviços da Caixa foram destacados, quer pela direcção quer pelo conselho fiscal, o que registamos com agrado.

ESPECTACULO DE MILITARES PARA MILITARES E FAMILIAS

No passado dia 15 tivemos a satisfação de assistir a um espectáculo no

Cine-Teatro Império, por elementos do Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Tavira, que podemos considerar bom, dado que os actuantes agem para de certo modo transmitir aos seus camaradas algo que faça vibrar.

Destacamos os cabo-verdianos, que aliam às suas canções dolentes outras que demonstram vivacidade a ponto tal que a assistência se pronunciou calorosamente.

Bom seria que o C. I. C. A. 5 que sabemos contar com elementos capazes de algo fazer no respeitante a cultura e arte, seguisse o exemplo do C. I. S. M. I., porque assim poderiam retribuir a visita, talvez com agrado de quem autoriza estes espectáculos.

Joaquim de Sousa Piscarreta

A reforma do ensino

(Conclusão da 1.ª página)

os projectos estão à beira da concretização, parece-nos ser a solução que a experiência educacional do Algarve exige e que é idêntica à exigência de todas as outras regiões do País. Só que em grande parte do País o ensino particular tem uma estrutura cujo prestígio aliás é conhecido por minorias seleccionadas dentro da minoria seleccionada dos alunos algarvios do «antigo» liceu; e aqui, neste distrito, o ensino particular nem tem meios de subsistir, nem de evitar a discriminação em selecção ao nível pedagógico dos professores, em relação às possibilidades didácticas e em relação aos próprios alunos. E o que é grave é que sem os liceus unidimensionais não se poderá falar em planeamento educativo, atendendo às realidades do sector educacional. As realidades.

Carlos Albino

H. PIMENTA DE CASTRO

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DA BOCA E DENTES
PRÓTESE DENTÁRIA

Consultas a partir das 15 horas — excepto sábados —

CONSIDERA-SE A URGÊNCIA

CONSULTÓRIO:
Rua Dr. João Lúcio, 17-1.º — OLHÃO

TELEF. OLHÃO - 72619
Residência: 23104 - FARO
349 - MONTE GORDO

Sobre a protecção da terra

(Conclusão da 1.ª página)

dores ingleses, terem vendido os seus bens na Inglaterra, para se fixarem na nossa provincia do Alentejo, a fim de se dedicarem ao sector agrícola. Esses lavradores pensam aproveitar as grandes reformas de crédito introduzidas pelo nosso Governo, num esforço para reformar a agricultura, estão a fazer grande uso da maquinaria, em substituição da mão-de-obra que lhes falta e a sua produção de 1970 foi bastante boa.

A vinda dos ingleses para o Alentejo, não é um caso isolado, visto que no concelho e freguesia de Silves um agricultor inglês, está trabalhando as terras que comprou, pelo mesmo processo e apenas com o uso de maquinaria e dos braços dos seus familiares.

Para nós, algarvios, tal facto deve ser meditado e considerado; é que o êxito da iniciativa, a alastrar-se produzirá um desequilíbrio acentuado entre o custo do trabalho e os preços de venda dos produtos. Enquanto que grande parte dos agricultores portugueses estão obtendo escassos benefícios agravaados com o fenómeno emigratório dos trabalhadores, falta de capitais e de maquinismos para resolverem os seus problemas, os ingleses vêm trabalhar as terras com máquinas e capitais próprios.

Realmente, os investimentos são necessários, quando combinados por prazos curtos de exploração, dentro das leis em vigor no nosso País. De contrário, será estratificar não só o progresso nacional, como também, o dos trabalhadores, que mais depressa terão o desejo de emigrar para outros países, de melhores salários.

Posto isto, que melhor solução tomar? Deixar que as terras fiquem sem cultivo? Deixar que diminua a aceitação dos nossos produtos nos mercados estrangeiros, por não poderem competir com os preços dos nossos concorrentes?

Parece-nos, em última análise, que deveria procurar-se harmonizar os interesses dos estrangeiros aos dos nacionais, não vendendo os proprietários os seus terrenos, mas sim, ligando-os em formas viáveis e legais à cooperação estrangeira.

Sincronizando-se as duas actividades e criando entre ambas, o indispensável clima de interesses, tudo viria a bem da economia nacional.

José Lourenço da Silva

o mais completo atomizador somos nós que fabricamos

atomizador hipólito

preferido no tratamento de vinhas, na monda química, pomares e outras culturas

leve • práctico • resistente

hipólito

é sempre a garantia de assistência assegurada

Progresso que se retarda no Algarve (que não é só turismo)

(Conclusão da 1.ª página)

vastas condições de aproveitamento industrial e foi nessa convicção que o nosso representante na Câmara não hesitou ao solicitar ao Governo o estudo, sob uma pers-

pectiva económica, social e política, da instalação da nova refinaria do sul e de indústrias petroquímicas, única forma de alcançar um desenvolvimento harmonioso de dois distritos — Beja e Faro — com o aproveitamento do Guadiana, escoamento quase natural de uma possível linha de produção industrial capaz de influir, poderosamente, na consecução do pensamento governamental, no que respeita à descentralização que se pretende e ao progresso que se procura. Poderia ser essa a forma de restabelecer até o equilíbrio sócio-económico entre os dois Algarves — o serranho e o turístico. Mas...

...Mas, essa esperança cada vez é mais vaga, cada vez está mais distante. Correm rumores, ouvem-se murmúrios de que essa pretensão sulina estará seriamente comprometida, preteridos os seus desejos por outras regiões, que, contrariamente à pretendida descentralização, irão alargar ainda mais o eixo de exploração, a partir de Lisboa e para o sul.

Com melhores condições? Resposta difícil em plena consciência, uma vez que a mesma impõe um aturado estudo onde terão de ser pesadas e comparadas todas as vantagens e inconvenientes. De qualquer modo, porém, as potencialidades algarvias estarão mais uma vez desprezadas, votadas a um plano secundário, sacrificadas ao conceito de que — perdê-se-nos a paráfrase «o Algarve é turismo... o resto é paisagem...». E é isso que dói.

Encarnação Viegas

Cantinho de S. Brás...

Está mais rica a «sala de visitas»

O LARGO de S. Sebastião, a chamada sala de visitas da nossa terra, ornamenta-se de forma catagórica. O novo café da União, de dimensões descomensais, tem larga frente para ele em todo o sentido norte-sul, sendo agora ponto obrigatório de convívio da massa desportiva, sobretudo da mocidade de ambos os sexos. Além do ambiente agradável a apreciação dos jogos desportivos e recreativos ameniza as horas de ócio.

Singularmente espaçoso, está ao seu alcance uma boa capacidade de fonte de receita, para manter a equipa de honra no topo das lides futebolísticas, em disputa. De facto, se o União regressar na terceira divisão, o que está perfeitamente ao seu alcance como «lides» actual, o fantasma financeiro das deslocações, prémios de jogo e «luvas» do treinador, terá sido, se não neutralizado pelo menos arredado parcialmente. Banirá também os clássicos e incómodos peditórios, com que sacrificava implacavelmente os carolais.

As instalações do café, dão, pois, nova dimensão ao largo, que acrescido da agência do Banco do Algarve e outras pinceladas de modernização, é uma «sala de estar» muito agradável. Ao centro, o lírico Bernardo de Passos, iluminado por centenas de lâmpadas e outros objectos que têm aderido ao movimento. Quem o ledeia, olhando minuciosamente não deixará de pensar e reflectir na razão por que se atravancou esse espaço, continuando firmemente

ocupado, para além do tempo que seria justo e desejável. Na sua faixa circular, as plantas ornamentais desenvolvem-se incrivelmente, autênticas árvores que de certos ângulos ocultam a visibilidade do busto. A árvore de Natal, ainda com parte do seu recheio, sinónimo entropecedor de uma quadra maravilhosa, vai criando raízes, e beneficiada pela chuva, ali crescerá, resolvendo de maneira satisfatória o problema na altura devida e servindo ainda de ninho aos pardais que dentro de dias se vão acasalar. Deixará de existir o problema chamado pinheiro de Natal.

As venerandas imagens de S. José, de Jesus no seu leito de palhinhas, e da sua mãe, continuam a dar ao busto de Bernardo uma solenidade que muito se assemelha à inspiração de que toda a sua obra está recheada. Parece realismo autêntico, puro e diáfano, um prolongamento das delícias do Natal, que só o período do rei Moisés irá destruir, se é que vai haver o cuidado de arrecadar tudo aquilo que ainda se exhibe.

De maneira que está quase prestes a ocultar-se pela ramagem o busto do poeta e a quadra que é um hino de amor, ternura e paixão que só os poetas podem sentir:

Eu amo o meu País, embora sobre a terra em cada homem veja apenas um irmão. Nós somos como a esteva ou a urze da terra

que só floresce bem no seu dorido chão. Este mimo de inspiração sobre a fraternidade dos homens, divergindo substancialmente da pureza lírica que todos os seus poemas reflectem, foi certamente composto nos momentos em que Bernardo de Passos acreditava nos superiores sentimentos do ser humano que amava ao mesmo nível que se sente pela Pátria.

Se a invasão ao monumento continuar naturalmente dentro de pouco tempo só emergirá através da verdura o quadrado de pedra que tanta controvérsia provocou quando da sua inauguração. Estará certo? Costumamos criticar por tudo e por nada, com o gosto nato de satirizar. Neste caso, limito-me a escrever, opinando que a exposição de imagens e objectos ultrapassou o próprio tempo. Ou será que para evitar o enorme trabalho se não mexe em nada, ficando tudo como está?

Enfim, o Largo de S. Sebastião novo e renovado, oferece tema para artigos aos correspondentes da Imprensa, dando largas no seu latim a comentários de diversa interpretação. Há porém coisas tão merecedoras de respeito, que só admiti-las em espírito constitui profanação. A maior trovada espalha o tempo. E nós esperamos muito sensatamente que o tempo espalhe.

F. Clara Neves

Escritório Técnico de Contabilidade

Direcção do Técnico de contas: — ANTÓNIO DOS SANTOS DOMINGOS
Rua Batista Lopes, 19/A-1.º — Telefone 22557 — FARO

Secções de:

CONTABILIDADE

Assistência Técnica ao Grupo A
Análises de Balanços
Pareceres fiscais e contabilísticos
Peritagens
Planificação, montagem e execução de contabilidades em geral (manual e mecanizada)

ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES

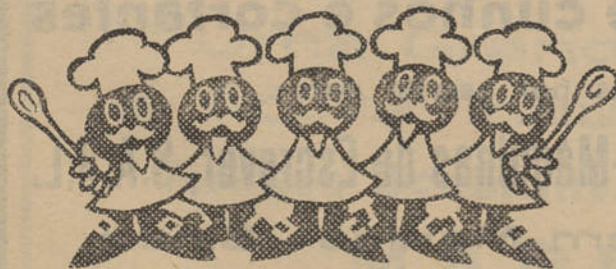
Cobranças de rendas
Assuntos de Finanças e Câmaras

CONTENCIOSO — Com colaboração de advogado
— Cobranças de dívidas difíceis

Todos os serviços são tratados rapidamente. Preços acessíveis.

Consultas sem qualquer compromisso

OS NOVOS MOSQUETEIROS DA ALIMENTAÇÃO



- MORANGO
- ESPARREGADO
- CEBOLA
- TOMATE
- PIMENTO

PUROS!
SEM CORANTES!

LIOFAX
A ALIMENTAÇÃO DO SEU TEMPO

Se deseja receber GRÁTIS um catálogo elucidativo sobre liofilização, preencha e remeta o cupão LIOFAX para:

LIOFAX - Rua do Centro Cultural, 13 LISBOA 5

DEPT. PUB. LIOFAX

CUPÃO LIOFAX

JA

Nome

Morada

Trespasa-se em Lagos

Estabelecimento de mercearia frente para a Rua Dr. Oliveira Salazar, 75 e Travessa da Senhora da Graça, 7, com ou sem existência e facilidade de adaptação a outros ramos de negócio pela situação e amplitude.

Actualidades desportivas

FUTEBOL

Apontamento de JOAO LEAL
I DIVISÃO

Um duelo de «leões»

O Farense ainda não perdeu em S. Luís e o Sporting vem jogar para o título. Perante estas premissas, compreende-se o interesse que suscita este embate entre os «leões» de Faro e os de Lisboa. Não creia, não acredite leitor amigo, nessa história atentatória de todas as éticas (sobretudo da dignidade humana e profissional) de equipas já derrotadas. Lembra-se de Alvalade? Se não fora aquela cabeça oportuníssima (ou traiçoeiramente certeira) de Dinis, os algarvios teriam regressado sem perder. Amanhã haverá luta (correcta e viril, por certo) e campeonato em S. Luís. O Farense não conta, de acordo com as condições de cedência, com Bastos e Dani. Mas e os que entram, não vão lutar para saírem dignos do chamamento?

Quando o nosso jornal estiver circulando, já à capital algarvia começaram a chegar os primeiros entusiastas-forasteiros. Muitos outros virão, pois vários aviões foram fretados, além dos transportes tradicionais. Amanhã há romaria para Faro, onde o Nacional vai acontecer.

II DIVISÃO

Em viagem

Ambos os clubes algarvios que militam na divisão secundária empreendem longas viagens. O Portimonense deslocou-se ao Tragal, enquanto o Olanhense joga em Torres Novas. Partidas em que os visitantes usufruem vantagens? Sim e apenas pelo meio ambiente, posto que no confronto equipas-equipas o vaticínio é favorável às turmas do Sul.

As vitórias serão difíceis para os interventientes e isto porque Portimonense e Olanhense vão encontrar pela frente turmas ávidas de manter o ambiente proselitico do sábado de vitória. Mas os visitantes, por seu turno, têm que contar com a experiência e a valia dos homens de Olhão e de Portimão.

III DIVISÃO

Aspectos diferentes

Difíceis as saídas do Lusitano e do Esperança. Apesar de tudo jogamos mais no êxito do que no realismo em Sines, e isto até porque o onze já tem vencido além da Vila Embalina. A irregularidade do Esperança diz-nos que se um empate surgir ele não sai fora dum círculo de antecipadas previsões. E o Silves? Bem, jogando no seu ambiente, nós jogamos francamente no Silves, que não deixará fugir este ensejo de adregar dois pontos preciosos.

JOGOS PARA AMANHÃ

I DIVISÃO

Farense-Sporting

II DIVISÃO

Tragal-Portimonense
Torres Novas-Olanhense

III DIVISÃO

Silves-Amora
Algés-Esperança
Vasco da Gama-Lusitano

CAMPEONATOS REGIONAIS

I DIVISÃO

Louletano-Sambrazense
Tavirense-Imortal

BASQUETEBOL

VOLTAMOS A TER NACIONAL, MAS AS PERSPECTIVAS PARA OS CINCO ALGARVIOS SÃO POUCO ANIMADORAS

Com as duas jornadas, disputadas no penúltimo sábado e domingo, prosseguem o Nacional da 2.ª Divisão.

Farense e Olanhense tiveram deslocções a Lisboa e ao Montijo. Ambos regressaram com derrotas, aliás normais, de certo modo aguardadas, e que em nada os deslustram, se atendermos ao valor dos antagonistas e ao facto de actuarem em ambiente favorável aos visitantes, resultante do factor casa.

Resultados: Carnide, 47 — Olanhense, 33; Montijo, 70 — Farense, 31; Carnide, 75 — Farense, 36; Montijo, 62 — Olanhense, 33.

Os Olanhenses e Casa dos Pescadores de Portimão actuaram em «casa» e tiveram sorte idêntica. Ambos ganharam ao Nacional de Natação e perderam, com o C. I. F. — um cinco de boa craveira ténico-táctica, onde se sente o dedo do competente prof. Mário Lemos na boa esquematização quer defensiva quer ofensiva que os lisboetas não ofereceram.

Resultados: Os Olanhenses, 46 — C. I. F., 51; C. Pescadores, 55 — Nacional, 40; Os Olanhenses, 41 — Nacional, 38; C. Pescadores, 47 — C.I.F., 59.

Humberto Gomes

Calapez & Águas, Limitada

Cartório Notarial de Lagoa

A cargo da Notária Catarina Maria de Sousa Valente

Certifico que, por escritura de 29 do corrente, lavrada de folhas 64 verso a folhas 66 verso, do livro de notas para escrituras diversas A-23, deste cartório, Alvaro Calapez Nunes cedeu a sua quota de 150 000\$00 que possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «Calapez & Águas, Limitada» com sede na vila e freguesia e concelho de Monchique, a Saúl Leal Vieira Freitas, casado, natural da freguesia e concelho de Monchique, onde é residente, na Rua Serpa Pinto, 59; e António Águas cedeu a sua quota que possuía na mesma sociedade, no valor de 150 000\$00 a Horácio Leal Vieira Freitas, casado, natural da referida freguesia de Monchique, em cuja vila tem residência habitual, deixando assim de serem sócios da mesma sociedade e tendo renunciado à gerência, sendo esta assumida pelos cessionários;

Os cedentes autorizaram que os seus apelidos «Calapez e Águas» continuassem na firma social.

Está conforme.

Cartório Notarial de Lagoa, 29 de Janeiro de 1971.

A Notária,
Catarina Maria de Sousa Valente

Desporto corporativo

No Campo da Faceal, em Mem Moiz (Paderne), para o Campeonato Distrital da F. N. A. T., defrontaram-se, no penúltimo sábado, as equipas da Casa dos Pescadores de Portimão e do Grupo Desportivo da Torralta, tendo os portimonenses vencido por 1-0, resultado conseguido na primeira parte.

Os que esperavam assistir a uma boa partida de futebol, com jogadas rápidas e bem delineadas, ficaram decepcionados, pois houve mais luta do que jogo esquematizado e objectivo. As turmas equiparam-se no aspecto técnico e, se os jogadores da Torralta são mais jovens, e consequentemente com maior capacidade física, os Pescadores têm maior experiência que, suprimindo a veterania da maior parte dos seus elementos, lhes dá o discernimento necessário para se oporem com êxito ao ardor e entusiasmo dos adversários.

Foi o que aconteceu nesta partida, em que as frenéticas arremetidas dos avançados da Torralta para a grande área do antagonista, não resultaram, pois os portimonenses, sempre muito bem colocados no terreno e com bom tempo de entrada nos lances, foram cerceando esse ímpeto e merecendo de melhor conjugação de esforços conseguiram dominar no tempo final da 1.ª parte, período em que obtiveram o tento que lhes garantiu a vitória, tento resultante de uma jogada algo confusa dentro da grande área adversária. Na segunda parte bastou a sua experiência e determinação para segurarem a magra vantagem conseguida. Os jogadores da Torralta, ainda que bons, revelaram-se demasiado faltosos, originando problemas que o árbitro, aliás muito seguro, conseguiu resolver ainda que com dificuldade.

Dirigiu a partida o sr. João Maria Martins, auxiliado pelos srs. Godinho César e João Gabadinho e as equipas apresentaram: Casa dos Pescadores: Peres; Cunha e Silva; Tónica, Xavier e Santos; Armando e Assunção (Barão); Peixinho, Belchior, cap. Santos e Acácio.

Torralta — Brito; José Duarte, Silva, Natal e Daniel cap.; Gead, Oliveiros (Oliveiros II); Santos, Marques, Luís Costa e Bandarra (Reis). Marcador do tento: Acácio.

Arménio Aleluia Martins

mantêm, assim, todos os sócios, o artigo quinto dos estatutos, sendo todos os sócios gerentes.

Os cedentes autorizaram que os seus apelidos «Calapez e Águas» continuassem na firma social.

Está conforme.

Cartório Notarial de Lagoa, 29 de Janeiro de 1971.

A Notária,
Catarina Maria de Sousa Valente

SACOS DE PLÁSTICO

Em todas as medidas e para todos os fins.

TUBOS PRETOS DE POLIETILENO

Para regas e canalizações.

FOLHAS DE PLÁSTICO

Para forrar caixas de peixe e outras embalagens.

MANGAS

Para regas, estufas, agricultura, etc.

Fábrica de Plásticos Algarve

Bom João — Zona Industrial — Faro

Vende-se

Camioneta basculante ou troca-se por automóvel. Tratar pelo telefone 62417 — LAGOS.

Mala de Viagem

Perdida entre Vila Real de Santo António e Pechão (Olhão) na noite de 6 a 7 de Fevereiro, contendo roupa usada. Agradece-se restituição ou informação para apartado 24 ou telefone 72458 — OLHÃO.

Tractor

Em 2.ª mão, compra. Navalvia Vila Real de Santo António.

Vende-se em Faro

Prédio moderno, rés-do-chão e 1.º andar, na Estrada de S. Luís, 128. Trata na Rua Serpa Pinto, 55 em OLHÃO.

Traineira Vende-se

O casco da traineira Senhora do Cais, equipado com motor BAUDOUIN de 150 HP e mais apetrechos tudo em óptimo estado. Pode ser utilizada para a pesca artesanal.

Trata: João do Carmo Jorge — telefones 33446 ou 1269 — PORTIMÃO.



O CARRO DO ANO ...Evidentemente
EXPOSIÇÃO E VENDAS
AUTO-GHARB
DE SOUSA E SILVA & BAPTISTA, LDA.
Rua do Alportel — Telef. 2 30 71 — FARO

Mais de 40 anos de experiência... Em feridas infectadas
FURÚNCULOS E ANTRAZES
PASTA "SANO"
CONTRA A FURUNCULOSE
LABORATÓRIO "SANO", V. N. GAIA
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.

Venda de um prédio no concelho de Alcoutim

Vai à praça, pelas 11 horas do dia 10 de Março de 1971, na Repartição de Finanças do concelho de Alcoutim, um prédio urbano que foi destinado a posto fiscal, no sítio do Alcaçari-nho, construído de alvenaria ordinária, composto de rés-do-chão, com quatro compartimentos e um recinto, com a superfície coberta de 98,37 m² e não coberta de 213,80 m², a confrontar de todos os lados com a propriedade rústica de herdeiros de Pedro Pereira.

O referido prédio vai à praça com a base de licitação de 8 000\$00 (oito mil escudos) e a condição de que o Estado se reserva o direito de não o adjudicar se não lhe convier.

Repartição de Finanças do concelho de Alcoutim, 12 de Fevereiro de 1971. — O Chefe da Repartição, José Gonçalves da Silva.

Trespasa-se em Lagos
Grande estabelecimento; com ou sem existência.
Melhor local da cidade. Trata o próprio.
Na Rua Lima Leitão, 12—Tel: 62904—LAGOS.

Câmara Municipal do Concelho de Silves EDITAL

SALVADOR GOMES VILARINHO, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Silves

Torna público que, de harmonia com deliberação tomada por esta Câmara Municipal, em reunião de 9 de Fevereiro corrente, se recebem na secretaria do mesmo Corpo Administrativo até às 17 horas e 30 minutos do dia 9 de Março próximo, propostas para a concessão da exploração do Casino de Turismo da Praia de Armação de Pêra.

As condições gerais para a aludida concessão estão patentes na mencionada secretaria durante as horas normais de expediente mas convém desde já elucidar que o estabelecimento está equipado com todo o mobiliário e utensílios necessários ao seu funcionamento.

E para constar vai ao presente ser dada a devida publicidade.

Paços do Concelho de Silves, 18 de Fevereiro de 1971.

O Presidente da Câmara,
Salvador Gomes Vilarinho

Venda de um prédio no concelho de Alcoutim

Vai à praça, pelas 11 horas do dia 8 de Março de 1971, na Repartição de Finanças do concelho de Alcoutim, um prédio urbano que foi destinado a posto fiscal, no sítio da Lourinhã, construído de alvenaria ordinária, composto de rés-do-chão, com quatro compartimentos e um recinto, com a superfície coberta de 102,01 m² e não coberta de 188,83 m² a confrontar de todos os lados com a propriedade rústica de herdeiros de José Pedro Severiano Teixeira.

O referido prédio vai à praça com a base de licitação de 3 000\$00 (três mil escudos) e a condição de que o Estado se reserva o direito de não o adjudicar, se não lhe convier.

Repartição de Finanças do concelho de Alcoutim, 12 de Fevereiro de 1971. — O Chefe da Repartição, José Gonçalves da Silva.

ROGAMBOLE

(Continuação)

O CAVALEIRO ERRANTE

E efectivamente a senhora de Kermadec não tivera tempo ainda de tornar a si daquela surpresa, e já o baronnet estava fora do castelo correndo a todo o galope do seu cavalo.

— E o diabo, não tem que ver! — resmungava Jonas. Enquanto sir Williams, depois de ter representado esta pequena comédia, galopava na direcção do Manoir, o sr. de Beaupreau, Teresa e Hermínia entravam no castelo dos Genêts, achando a baronesa debaixo ainda da impressão daquela brusca partida. A fisionomia alterada da baronesa não admirou o chefe de repartição, que estava ao facto dos segredos de sir Williams, mas Teresa e a filha mostraram espanto.

— O que tem, minha tia? — perguntaram ambas ao mesmo tempo. — Maldito seja o original! — respondeu a baronesa, que começava a calcular que sir Williams a deixara um pouco descortêsmente.

— De que original fala, minha tia? — Do inglês. — Qual inglês? — perguntou ingenuamente o sr. de Beaupreau. — Pois não o encontraram? — A quem? — O baronnet sir Williams?

O sr. de Beaupreau soltou um grito de surpresa que pareceu muito natural à baronesa e Hermínia. — E ele, é ele — disse o chefe de repartição.

— Ele quem? — perguntou a baronesa. — O homem que me salvou a vida há-de haver duas horas. — Salvar-lhe a vida? — Sim, minha senhora.

E o sr. de Beaupreau contou à senhora Kermadec tudo quanto lhe acontecera; Hermínia escutava-o pensativa.

— Pois esteve aqui — disse a baronesa — dizendo que se tinha perdido no caminho, e pedindo hospitalidade. — Onde está ele então? — Partiu subitamente, quando ouviu pronunciar um nome... disse a baronesa que não quis explicar-se mais categoricamente na presença de Hermínia.

— Estava tão comovido ainda, há pouco que o não conheci — disse o sr. de Beaupreau. — Pois conhecia-o, meu pai? — perguntou Hermínia com curiosidade.

— E tu também, minha filha. — Eu! — disse ela, admirada. — Viste-o uma vez, em casa do ministro. — É possível, mas não me recordo. — Sir Williams, — prosseguiu o sr. de Beaupreau — para o vulgo é talvez um original, mas para outros é um pobre desgraçado a quem se deve perdoar as excentricidades.

— Ah! — disse Hermínia, que sentia renascer a simpatia que lhe havia inspirado o desconhecido, contemplando o mar à beira do precipício.

— Ninguém sabe, com certeza, qual é a natureza do mal que aflige sir Williams, mas o que há de positivo é que ele vive torturado por um sofrimento secreto. Há quem diga que ele chora a perda de uma mulher, ou morta ou infiel.

O sr. de Beaupreau calou-se de propósito e observou sorratamente a filha.

Hermínia estava comovida e fitara os olhos no chão. — Outros dizem — continuou o sr. de Beaupreau — que sir Williams que é rico, moço ainda, e nobre, a quem tantas mulheres teriam orgulho

de consagrar amor, se apaixonou por uma rapariga pobre que dera já a outro o seu coração.

A medida que seu marido falava, a senhora de Beaupreau olhava para a filha. Hermínia estava longe de supor que tudo isto era uma comédia, e que a mulher por quem sir Williams estava apaixonado, era ela mesma; e contudo esta fraternidade de infortúnios que parecia existir entre ela e ele, tornava-a pensativa. Lamentava o baronnet no fundo do seu coração, pensando involuntariamente no amor que ela vira despedaçar-se tão cruelmente.

— Minha querida sobrinha — disse a baronesa, procurando um pretexto para afastar Hermínia por um momento — queres ter a bondade de descer à cozinha, e mandar apressar a ceia?!

Hermínia saiu imediatamente. — Ora, os meus sobrinhos querem saber por quem sir Williams está apaixonado? — perguntou a baronesa. — Já sei — disse o sr. de Beaupreau. — Já sabe?

— Sim, minha tia. Ama Hermínia, e há um mês que me pediu a sua mão. — E o senhor recusou?

— Hermínia estava para casar. O sr. de Beaupreau sentou-se e contou à baronesa como lhe haviam arrancado o seu consentimento a respeito de Fernando Rocher, como ele ficara no conhecimento da irregular conduta deste último, e finalmente, como o desgraçado rapaz se perdera para sempre.

— Isso é espantoso! — exclamou a senhora Kermadec, Teresa suspirou, e duas lágrimas lhe deslizaram pelas faces. — E Hermínia ama um tal celerado?

— Ama-o de tal modo que morreria por ele. — Isso não há-de ser assim — exclamou a senhora de Kermadec... — Hermínia há-de amar sir Williams, um moço encantador, cheio de nobreza.

E a baronesa, que abandonava de bom grado as realidades da vida para se entregar aos seus queridos romances, acrescentou:

(Continua)

30\$00
 Por esta importância e neste espaço, dê a conhecer as suas transacções a milhares de leitores.

PERTO DA SERRA: VEM AÍ A HORA DE REFRESCAR O CORPO — Um grupo trabalha activamente por uma piscina em Alte

Uma piscina aproveitando aquela água que pelo menos terá lavado já mais linguas e mais roupa do que corpos. Uma piscina em nome da Fonte Grande, que já é cartaz turístico que todo o País conhece, que foi obra daquela gente dotada de uma tenacidade que é de espantar. Ora Alte, quer isso mesmo para Verão e Inverno: piscina perto da serra, porque não?

Se lá existir uma piscina algum dia (que nos disseram: «não está longe») quem no Verão não quer experimentar aquela obra? Para variar o mar. Não há todo, claro: mas há uma clorofila mais verde que a alga. Não há areal: mas há um silêncio onde qualquer carícia se ouve a metros de distância. Não há pescadores de tornozelos salitrados e com blasfémias de razão: mas há rugas que não foram emigradas e outras que mais se vincaram lá na emigração. É o que está perto da serra de qualquer modo.

Como é que vão conseguir isso? Não, não se riam se lhes disser que os de Alte conseguem o que querem sem irem às finanças. Estão pura e simplesmente a contribuir. Segundo chegou aos ouvidos houve já quem promettesse o cimento para o fundo da piscina, que eles querem mesmo piscina a sério. Outros decidem-se pelo dinheiro em punho. Mas ainda que o grupo de amigos de Alte não disponha da quantia necessária já têm na mão uma realidade que não tem preço e que não se compra nem nas vilas nem cidades mais próximas: a vontade. Ali naquela aldeia onde todas as casas são de uma presença humana de tal modo impressionante que teria sido impossível que de lá não tivessem saído já poetas e pintores, ali naquela aldeia não é só a piscina que se quer: há a vontade de acordar. E só os vivos é que acordam.

Afonso Galvão

BRISAS do GUADIANA

O duplo centenário da fundação de Vila Real de Santo António

MORREU há dias em Lisboa, inesperadamente, o Pedro Palma Rita, «moço» quarentão do nosso tempo e da nossa terra. Conheçemo-lo mais de perto quando, em Vila Real de Santo António, na estância Tipografia Socorro, começou a dedicar-se às artes gráficas, profissão que sempre teve, e aí acompanhámos os seus sonhos, as suas ilusões e algo das aspirações que nunca chegaria a ver concretizadas. Bom companheiro e bom conversador, se quiséssemos encontrá-lo na capital, onde viria a ficar-se, era irmos aos sábados aos concertos da banda da G. N. R., no quartel do Carmo, ou às noites de ópera do Coliseu dos Recreios. Mas o seu melhor período era no Verão, quando por um mês se deslocava à Vila Pombalina, a matar saudades da família, dos amigos e da praia, de que era assíduo e muito gostava.

Como vila-realense, uma das figuras que na lusa História mais prezava, era a do Marquês de Pombal, fundador de Vila Real de Santo António, e quando o encontramos, durante as férias, surgia sempre a pergunta inevitável mais ou menos nestes termos: «Então, já elaboraram o programa comemorativo do duplo centenário da fundação da vila? Se não fosse Pombal, nada disto existiria e o homem bem merece um monumento que, além do nome na Praça, lhe perpetue a memória».

Tinha razão, o Pedro Palma Rita, neste seu desejo de enaltecimento da figura e da obra do ínclito Marquês, a quem, na verdade Vila Real de Santo António deve o que é, e mais deveria se as circunstâncias o não houvessem impedido de cumprir quanto planeava.

Como o Pedro, pensamos que os anos passam depressa e em breve chegará o da celebração do duplo centenário. E se

na verdade se deseja que esta tenha algum significado e transcendência e que nela receba a merecida homenagem quem, há duzentos anos, deu mostras de tão rasgada e despojada visão, será agora, parece-nos, a melhor altura de se estruturarem ideias e de se prepararem as bases do que poderá ser, para esta terra, esse completar de dois séculos de vida, em que, como na do Pedro, embora quatro vezes mais longa, também não têm faltado os sonhos, as aspirações, e as muitas e desencantadas desilusões.

FALTA DE DENTES NUMA BOCA BEM TALHADA

Aqueles pedaços de piso sem mosaico na Rua-Passeio Teófilo Braga, de Vila Real de Santo António, fazem-nos lembrar a boca, com falta de alguns dentes, de uma cara bonita. Sabemos que há escasses de «protésios» por estas bandas, mas por se nos assegurar que seria agora a melhor altura de remediar a anomalia, aqui deixamos mais este reparo. E que os «dentistas», por vezes, também deixam o trabalho de rotina para atender os casos mais urgentes e este, do arranjo da «dentadura» da Rua-Passeio, afigura-se-nos urgentíssimo.

AS FESTAS DE CARNAVAL

Devido aos festejos carnavalescos e por motivo de a Litográfica do Sul fechar durante toda a semana em que os mesmos decorrem, este número do Jornal do Algarve teve de ser impresso com alguns dias de antecedência em relação à data da saída. Assim, só no próximo número, à nossa maneira, como foi o Carnaval de 1971 em Vila Real de Santo António.

S. P.

CARTAS à Redacção

«Porque não recuperar os emigrantes falhados?»

Sr. director,

Sob o título «Porque não recuperar os emigrantes falhados?», inseriu o conceituado Jornal do Algarve, em 8-8-970, um artigo da autoria do sr. Vítor da Luz, que só agora me veio parar às mãos, e me despertou uma certa curiosidade e o desejo de «meter o bedelho», como emigrante que vive há cerca de quarenta anos fora da sua terra.

Emigrantes falhados, são todos os que saem da terra à procura de melhores dias. O emigrante não é mais que um soldado, que na frente da batalha, lança mão a todas as armas, para alcançar a vitória. Como este assunto é prolixe e de uma concepção bastante complexa, que certamente iria roubar o precioso espaço ao vosso acreditado jornal, limitar-me-ei a sintetizar pequenos factos, das minhas modestas observações.

Quando saí da minha terra, Alte, em 1927, os salários dos trabalhadores rurais, ainda eram uma verdadeira miséria, especialmente para os de grande prole, sendo raro o casal que não tinha filhos, pois, não sei porquê, o amor da classe proletária é bastante fecundo, talvez por lhe faltar o necessário para outras distrações que não o amor. Naquele tempo, o vestuário de pais e filhos, era quase andrajoso. A sua alimentação não passava de papas de farinha de milho e de peixe do mais barato, sendo o pão por conta-gotas. Os filhos não podiam frequentar a escola, além da 3.ª classe rudimentar e os avós eram obrigados a estender a mão à caridade.

Desta miserável situação, nasceu a psicosse e a aversão do trabalho rural e de artífice. Para se ser senhor ou senhora, segundo o estúpido preconceito, era necessário não fazer trabalhos rurais, ou semelhantes. Para um rapaz trabalhador rural, arranjar noiva era uma carga de trabalhos, porque nem as filhas dos próprios colegas queriam casar com ele. Só depois de emigrar, lhe era fácil o casamento. O baixo nível dos salários dos trabalhadores, rurais e artífices, originou o desânimo e o despertar na procura de novos horizontes. Em todos os países a classe trabalhadora sofria dos mesmos preconceitos e da mesma baixa de nível de vida, pelo que os nossos emigrantes tinham a mesma ambição de se libertarem do jugo da miséria, não obstante, os seus grandes sacrifícios e os trabalhos violentos e perigosos que procuravam para receber melhor remuneração, que aliás pouco influiu nas suas condições económicas.

Naquele tempo, as minas de carvão francesas eram as que mais emigrantes portugueses empregavam e onde mais certidões de óbito passavam. Ali ficaram milhares de portugueses: os que não morriam de desastre no fundo da mina, morriam, passados poucos anos, cá fora, tuberculosos. Quando ali entravam, sabiam qual o fim que os esperava, mas não acreditavam. Traziam um piano para cumprir, custasse o que custasse; morrer ou viver. Além disso, viam muitos mineiros, com 15, 20 e mais anos de mina, respirando saúde.

Os emigrantes chegavam a França sem dinheiro e com a grande preocupação de o arranjar o mais depressa possível, a fim de o mandar para os seus familiares. Os casados mandavam-no para as mulheres, com a advertência de que queriam os filhos na escola, a fim de não serem os continuadores da sua miserável profissão. Os solteiros, mandavam-no para os pais, para que amassem a noiva a esperar com paciência, o seu regresso.

Acabada a grande e segunda guerra mundial, todos os países, procuravam apressadamente modernizar a sua indústria, a agricultura, os meios de transporte e comunicações e desenvolver convenientemente toda a sua riqueza, a fim de estarem aptos a enfrentar a guerra comercial.

Em face desta casafama de progresso e cultura, para o desenvolvimento industrial e agrícola, as portas de todos os países, abriram-se à emigração, com ofertas de salários tentadores. A medida que aumenta o desenvolvimento industrial, agrícola e cultural, vai-se notando a crise da falta de mão-de-obra. É que uma propriedade agrícola, não pode ser cultivada no escritório, se bem que ali sejam estudados os trabalhos.

Pontes, edifícios, estradas, etc., não podem ser construídos, num gabinete, embora ali se estudem e projectem. Para a construção, são necessárias mãos calosas, robustas, adestradas e habituadas ao sol, ao frio e à chuva.

Com a grande facilidade das comunicações, os nossos trabalhadores ficaram a saber da superioridade dos salários dos seus colegas estrangeiros e quando algum emigrante seu vizinho regressava, invejavam a maneira como era recebido. Todos, de braços abertos, iam ao seu encontro, até mesmo aqueles que antes lhe voltavam as costas com sorrisos sarcásticos, e as raparigas que os desdenhavam.

Tudo isto teve influência predomi-

nante na mentalidade da nossa gente, e a indiferença dos patrões constituiu o factor mais decisivo para o êxodo da emigração.

Na minha terra, há dois morgados, que, vistos por um prisma de bom senso, fazem os olhos encher-se de lágrimas. Uma riqueza que chegava para sustentar aquela região, encontra-se em estado primitivo, tal como a Natureza a criou, sendo os habitantes obrigados a procurar no estrangeiro o pão que ali podiam encontrar. Mas isto não se dá somente na minha terra. Em todo o nosso Continente há riquezas idênticas e em iguais circunstâncias.

Por outro lado, estive em Alte em 1966, e confesso que fiquei surpreendido, pela ausência de pedintes, de mocinhos de recados e criadas de servir, e por ver as crianças bem vestidas e calçadas, na escola, a estudar, os velhos decentemente vestidos, habitando casas modestas, mas limpas; e os trabalhadores rurais, que na sua maioria se encontravam a gozar férias junto das famílias, a fazer vida farta e desafogada. Aquele gente do campo, que outrora era conhecida pela rústica apresentação, é agora confundida com os senhores da cidade. Tudo isto me trouxe grande satisfação, por ver que têm vida mais consentânea com os direitos humanos.

J. Palma



Ainda calções, em vez de saia, para os passeios na cidade. Os costureiros dos Estados Unidos e da Europa aderiram à nova linha. O que dirão as mulheres?

NÚCLEO DE INTERCÂMBIO INTERNACIONAL DE JOVENS NO ALGARVE?

— O UNIVERSITÁRIO VERÍSSIMO DE SOUSA ABRE A IDEIA COM CHAVE...

PARA solidificar os anseios de cultura que se encontram dispersos pela mente de todos os séculos, a realização no nosso País e especificamente no Algarve das 1.ª Jornadas Universitárias seria sem dúvida um ótimo estímulo.

O que seriam essas jornadas universitárias?

Seriam um intercâmbio cultural ao nível de estudantes universitários de todo o Mundo que se deslocariam à nossa Província e aqui, em reuniões de trabalho e convívio, exporiam os seus trabalhos,

quer de carácter científico, literário ou mesmo artístico.

Especificando, a ideia é a seguinte: um grupo de estudantes universitários portugueses entraria em contacto com várias Universidades espalhadas pelo Mundo e pediria que um seu membro preparasse determinado trabalho e o viesse apresentar a colegas de diversos países, para que fosse conjuntamente analisado e debatido.

A juntar ao interesse de ordem meramente científica acresce ainda o plano da realização pessoal de

todos os que nessas jornadas tomassem parte. O contacto com estudantes de diferentes países, com os seus costumes e ideologias, seria bastante profícuo para os nossos representantes.

Tal empreendimento valorizaria, sem dúvida, a cultura universitária portuguesa e seria uma porta aberta para que outras realizações de idêntico carácter se efectivassem, ou ainda para que os estudantes portugueses pudessem, mais tarde, ser chamados a colaborar com os seus colegas no estrangeiro.

A primeira vista a ideia poderá parecer ridícula ou ambiciosa. Muitos poderão rir mas alguns haverá que meditarão na viabilidade da sua realização e inclusivamente darão o seu contributo para que esta ideia não caia no «poço sem fundo» do óbvio.

Ridícula ou ambiciosa a realização das 1.ª Jornadas Universitárias, no Algarve, parece-me viável.

O Ministério da Educação Nacional não desconhecera, certamente, tal interessante manifestação cultural; a indústria hoteleira algarvia concederia facilidades de alojamento e estadia; a Comissão Regional de Turismo proporcionaria a todos os intervenientes magníficas visitas aos pontos de maior interesse da nossa Província, e os estudantes portugueses, com a sua sede de saber, estou certo, apoiariam e levariam a cabo tão interessante empreendimento.

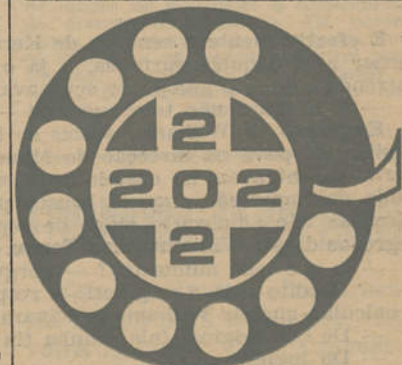
E, seria não só um escol, não só uma província, mas todo um país que sairiam prestigiados pela efectivação dessas ambicionadas jornadas de intercâmbio universitário.

Veríssimo de Sousa

FRIEIRAS... QUE FLAGELO!!!

Só as tem, quem as deseja ter! Usando «QUEI-MAX», desaparecem-lhe em pouco tempo, mesmo as ulceradas.

A venda nas Farmácias



SERVIÇO DE SOCORROS PERMANENTE
 VILA REAL DE STO. ANTONIO

OS ENCANTOS DO ALGARVE

por Eurico Santos Patrício

NINGUEM pode fazer uma ideia

perfeita do que é esta província sulina de Portugal sem a visitar. Porque só vendo e admirando as maravilhas naturais que se deparam à contemplação apreciativa do turista, é que se pode julgar, com verdadeiro critério, o justo valor dos seus inúmeros encantos e atractivos. E quem aproveitar a oportunidade que o Algarve oferece nesta quadra do ano, em que se reveste do manto de neve, das perfumadas flores das amendoeiras, agora na pujança da floração, a fazer-nos lembrar noivos embevecidos e vaidosos nos seus véus de grinaldas perfumadas que a brisa matutina ondula suave e docemente em graciosa vénia, a mostrar-nos o seio exuberante da beleza rendilhada das suas vestes, artisticamente bordadas de pétalas, é que pode ter a sensação inesquecível e agradável de haver entrado num paraíso terráqueo. Para isso, basta apenas vir ao Algarve nesta altura do ano, pois ao descer a serra poder-se-á logo apreciar, de longe, a branca movediça da neve perfumada das amendoeiras a contrastar com o fundo azul-esmeraldino do mar e do céu.

Os campos, nesta altura do ano, estão cobertos pelo manto de pétalas que embalsamam o ar que respiramos, salutar e agradável.

Nada de mais belo, esplendoroso e agradável se pode admirar sobre a terra, do que este jardim paradisíaco. É que o Algarve, nesta quadra do ano vive em festa pela brancura das flores das amendoeiras que sobressaem graciosamente do verde-escuro das oliveiras, alfarrobeiras, pinheiros e do verde-tento das searas, empresta um matiz tão acentuado à paisagem que realça ao longe num conjunto de perfeito colorido, o imenso quadro que a natureza nos oferece.

Seria consequência da lenda aprendida nas escolas, da princesa nórdica prisioneira em castelo medievo nestas paragens do sul, o que levou os lavradores a transformarem o Algarve neste grande paraíso florido? Ou seria pelo valor dos frutos de tais flores?

Seja qual for o motivo, o certo é que talvez por ambas as razões, o Algarve em pleno Inverno é um imenso e deslumbrante jardim.

Para a nossa retina, esta visão de tão belos quadros, não nos perturba, nem nos sensibiliza a alma, já tão afeiçoada ao esplendor contínuo com que a natureza nos brinda.

Mas para os que vivem longe deste cantinho de Portugal, em regiões frias, agrestes, de céu nublado e de raro sol, que agradável lhes não será para a sensibilidade, passar aqui estes dias tão cheios de luminosidade e de flores, encher os pulmões deste ar puro, balsâmico, salutar e vivificante e banhar-se no lago adormecido do mar do Algarve!

MAQUINAS PINHEIRO

A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MAQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

Filial

Lisbon — Rua Filinto Elísio, 15 C
 Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 194

...E TAMBÉM

Hotel das Caravelas
 MONTE GORDO

FOI PINTADO COM TINTAS EXCELSIOR

Distribuidor para todo o Algarve
 «ESTANTARTE»
 REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO, LDA.
 Rua Abolm Azevedo, 54
 Telef. 24787 FARO